

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
15 e 21 de Abril de 2025

UNDER A TEXAS MOON / 1930

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / Argumento: Gordon Rigby, baseado numa história de Stewart Edward White / Direcção de Fotografia: William Rees / Música: Ray Perkins / Montagem: Ralph Dawson / Som: Hal Shaw / Interpretação: Frank Fay (Don Carlos), Raquel Torres (Raquella), Myrna Loy (Lolita Romero), Armida (Dolores), Noah Beery (Jed Parker), George E. Stone (Pedro), Fred Kohler (vilão), Charles Selton (José Romero), Tully Marshall (Gus Aldrich), Mona Maris (Lolita Roberto), Tom Dix (Tom), etc.

Produção: Warner Brothers / Cópia: 35 mm, colorida, falada em inglês e legendada electronicamente em português / Duração: 82 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Nota: o início do filme – a primeira meia-dúzia de minutos – consiste apenas num ecrã negro, com música. Uma introdução que recebemos da UCLA numa bobina à parte, com a indicação de que a sua inclusão era facultativa. Decidimos incluí-la, para nos aproximarmos do que terão sido as exhibições originais de **Under a Texas Moon**: adivinha-se que tenha sido uma forma de criar “suspense” para a revelação da grande novidade técnica do filme – o technicolor de duas cores. Que lá aparece, em todo o seu esplendor arcaico, ao fim desses minutos de ecrã negro.

Numa cinemateca, o “espectáculo” às vezes nem é tanto o filme em si mas o suporte em que ele vem, sobretudo quando esse suporte reconstitui as condições plásticas essenciais em que os filmes foram feitos. E sobretudo quando essas condições eram “imperfeitas”. Reformulando a abertura: numa cinemateca, o “espectáculo” por vezes é a aproximação a uma história técnica ou tecnológica do cinema, nas suas várias etapas, sobretudo as mais arcaicas. É uma alegria mostrar **Under a Texas Moon** numa cópia 35mm, porque as suas muito especiais cores (o chamado two-strip Technicolor, o “technicolor de duas cores” ou “bicromático”) dificilmente resistiriam com o mesmo encanto ao rolo compressor do digital e à quebra – inevitável nas transcrições digitais, por melhores que sejam – do vínculo com a sua natureza técnica original, a película e os processos fotoquímicos que a impressionam. É uma cópia rara que atravessou meio-mundo (da Califórnia até Lisboa) para ser exibida esta noite, e em mais do que um sentido é ela o real espectáculo desta sessão.

O filme também é raro, em parte pelos seus arcaísmos. Durante anos foi quase invisível publicamente, sobrevivendo apenas numa cópia em nitrato guardada pelos arquivos da UCLA, e nunca foi passado ao digital, pelo menos comercialmente (quer dizer: não

existem edições DVD ou Blu-ray, e portanto dificilmente haverá “ficheiros” a circular pela net, mas aí já não se pode jurar completamente). Mas foi um filme bastante popular (e até polémico) no seu tempo, um sucesso de bilheteira que cimentou a posição de Michael Curtiz (que estava em Hollywood há quatro anos) como realizador de confiança da Warner Brothers, depois de outros filmes muito bem sucedidos nos anos anteriores a 1930 (talvez não se note isto frequentemente, mas Curtiz foi um dos realizadores que mais rápida e habilmente souberam adaptar-se à “revolução” da chegada dos “talkies” e à nova maneira de fazer filmes). A experiência com o technicolor, ou genericamente com a cor, não era inédita (espectadores do ciclo Allan Dwan lembrar-se-ão do filme magnífico com Gloria Swanson, também aqui visto numa cópia magnífica, **Stage Struck**, de 1925), mas a chegada do som comportava um “excesso” de novidades técnicas que atrasaram um pouco o progresso das experiências. **Under a Texas Moon** tem assim alguns aspectos inéditos ou quase inéditos na produção de Hollywood: foi apenas a segunda longa-metragem sonora e colorida a ser rodada integralmente em cenários naturais, foi o primeiro “western” simultaneamente falado e a cores.

O espectáculo disto passa à frente do resto. O espectáculo destas cores que talvez tenham parecido “realistas” aos seus contemporâneos mas que agora brilham justamente por parecerem o contrário disso, cada plano ser como um postal pintado à mão, verdes e vermelhos, mais amarelados ou mais acastanhados, a disputarem a primazia cromática. Curtiz sabia o que estava a fazer, e como os cineastas primitivos (que ele próprio, na Europa, também fora) baseia grande parte do impacto do filme nas escolhas dos cenários: montanhas, bosques, lagos, aldeias da fronteira entre o Texas e o México, e depois os interiores, cenários (casas, *cantinas*) que podem não ser muito elaborados mas estão sempre salpicados pelas cores da decoração e dos objectos cuidadosamente dispostos dentro do campo; evidentemente também o guarda-roupa, dos cowboys e das raparigas, ou até a ausência de guarda-roupa, como na sequência, plena de uma “titilação” muito *pre-code*, em que Raquel Torres toma banho nua num lago e a câmara se diverte a fingir que vai mostrar mais do que o que realmente mostra; mas ainda os próprios rostos, as cores da maquilhagem (os grandes planos de Myrna Loy, por exemplo), os contrastes da pele e do cabelo, etc, etc etc. Para além da história, que é fácil esquecer nos seus estereótipos (apesar de tudo, ainda vigorosos), este é o verdadeiro tema de **Under a Texas Moon**: como pôr uma câmara a devorar todas as cores que lhe apareçam pela frente.

Luís Miguel Oliveira